

No início, à guisa de introdução, Myriam Szejer nos convida¹ a participar de um atendimento junto à Sra. Lemerrier que havia dois dias dera a luz a um menino saudável mas que, apesar da aparente tranquilidade, inquietava toda a equipe (parreira, enfermeira, pediatra e puericultores) que dela se ocupava. Logo após o parto, no qual tudo ocorrera bem, ela retirou-se para o seu quarto, fechou as janelas e cortinas e se calou. A equipe, apesar de seu desassossego, não interveio logo, permanecendo numa atitude atenta quando a Sra. Lemerrier reclamou angustiada de que seu bebê recém-nascido não havia ainda feito pipi e que poderia morrer. Mesmo acreditando que ela poderia não aceitar, a equipe, já então mobilizada, ofereceu-lhe a possibilidade de conversar com a psicanalista. Para surpresa de todos, ela prontamente aceita e a autora nos relata as sessões ocorridas havidas entre ambas na presença do bebê. É importante afirmar que a "queixa médica" não procedia pois o pediatra pensava que o bebê já havia tido suas micções e que esta retenção urinária era sobretudo da ordem de "uma angústia fantasmática da mãe" (p. 18). Com o decorrer das sessões, assistimos ao desenrolar de seu sofrimento de mãe, de mulher e de filha, através de vários acidentes todos eles ligados com líquidos: no primeiro, há o sangue de um joelho gravemente ferido na adolescência, quando desce à adega

Eles pensam: a psicanálise escuta bebês

Resenha de Myriam Szejer, *Palavras para nascer a escuta psicanalítica na maternidade*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999, 219 p.

para buscar uma garrafa de vinho a pedido de seu pai e esta se quebra. Mais ou menos um ano após este episódio, que a levou a uma mesa cirúrgica, ela, excelente nadadora, estando no mar, sente seu joelho recém recuperado falhar, e seu pai, que vai tentar salvá-la, morre neste acidente. No segundo, há falta de sangue em decorrência de uma amenorréia, que se inicia com esta morte e que só desaparece aos dezoito anos, quando ela conhece seu futuro marido. "Reconciliada com a figura masculina, ela havia reconquistado uma parte de sua feminilidade" (p. 19). A estas duas cenas traumáticas é também conectada a perda de um bebê numa gravidez não levada a termo. O bebê que acabava de nascer foi muito esperado e desejado.

Este quarto fechado, escuro, de luto, condensa muitas das vivências traumáticas da Sra. Lemerrier. O relato nestas sessões psicanalíticas, junto com o seu bebê, permite que algo se desate e termine numa longa e espetacular micção de seu filho. Uma análise posterior pode a partir daí ser pensada para a Sra. Lemerrier.

Não há dúvida de que este é um "caso exemplar" e por isso mesmo convite, participação para que possamos chegar mais perto do trabalho clínico em maternidade desenvolvido pela autora. Seu livro nos dá um testemunho de sua prática clínica não somente através de vários relatos de casos mas, também, desenvolve a possibilidade de a psicanálise dialogar com outros campos de conhecimento científico ligados à gestação e ao parto.

Myriam Szejer nos mostra com muita firmeza que não há uma especialidade chamada psicanálise de recém-nascidos, o que há são psicanalistas trabalhando com adultos, com crianças ou com recém-nascidos. O trabalho em maternidade tem, isto sim, suas especificidades particulares. A demanda é, como todo pedido de análise, algo bastante importante. A equipe pode apenas indicar à família ou à mãe, em alguns casos,

a existência de uma psicanalista no serviço, mas jamais sua presença será imposta. "Com efeito, situar o lugar do desejo inconsciente que rege um sujeito é algo que só pode ser feito em função da demanda e de seus efeitos: é o bê-a-bá do trabalho do psicanalista" (p. 118). A partir da demanda, certo número de sessões ocorrem e este número é bastante variável, pois os bebês dão a ver e a escutar as problemáticas que os agitam de maneira quase palpável e, segundo a experiência da autora, a remissão dos sintomas é quase instantânea. A escuta psicanalítica dos recém-nascidos pode também ser pensada como um método preventivo dos distúrbios da adolescência.

O trabalho psicanalítico com crianças muito pequenas foi introduzido na França por Françoise Dolto, com quem a autora trabalhou durante muitos anos e de quem foi uma discípula reconhecida e sensível. Seu livro é permeado de referências a ela e aos seus ensinamentos. O legado por ela deixado é enorme e, neste livro que trata da psicanálise em maternidade, algumas de suas direções são apontadas: que a sensibilidade e o sofrimento humano podem começar desde o nascimento, que é preciso reconhecer sistemática e paci-

entamente o desejo irredutível do recém-nascido – desejo de vida. O recém-nascido já vem ao mundo banhado numa cultura, seus pais têm suas origens, suas histórias e seus traumas. Cabe ao psicanalista escutar o desejo e dar conta da trama inconsciente na qual ele se desenvolve. Dolto conversava muito com os bebês e sempre dizia que é preciso encontrar no próprio saber inconsciente de cada um a relação com o que a criança nos lembra. As palavras vão ajudar o bebê a ocupar um lugar na sociedade dos humanos. E ela “não perdia uma ocasião de sublinhar que a idade dita pré-verbal exprime, mais longe do que o arcaico de que a psicanálise tradicional fala, algo de uma palavra falada” (p. 34). As palavras dirigidas ao bebê lhe permitem dar sentido ao que ele está vivendo. O conceito de imagens inconscientes do corpo é uma criação sua.

Outro eixo importante do livro é o amplo recenseamento e análise dos inúmeros avanços científicos feitos recentemente sobre o conhecimento dos fetos e dos lactentes. Em vários capítulos a autora nos mostra o quanto as descobertas recentes na área das neurociências, da etologia, da pediatria, da neonatologia, da ecografia – e a lista continua – são um apoio seguro para grandes avanços teóricos: “quer se trate da sensorialidade do feto e do recém-nascido, da aquisição da linguagem, da memória, do vínculo entre o corpo e o pensamento, as esperanças do pensamento científico mo-

dermo juntam-se às da psicanálise” (p. 52).

Palavras para nascer vem testemunhar (essa palavra é bastante empregada no livro) como é possível, trabalhando em maternidade, preencher “buracos de linguagem”. Muitas vezes o sintoma pós-natal pode desaparecer quando o psicanalista, com sua escuta, permite a circulação de uma história, da memória muitas vezes inconsciente dos pais que até então entravava o desenvolvimento do recém-nascido. Quando esta história é relatada e revivida na presença do bebê, o sintoma no mais das vezes desaparece como por magia.

Um bom exemplo é a história do bebê que teve conjuntivite apenas no olho direito e cuja mãe temia o mau-olhado.

Uma gritaria chamou a atenção da equipe do terceiro andar. Tratava-se da briga de uma parturiente com o marido, que havia levado dois amigos para conhecer o seu bebê. Na tradição original dessa família, um bebê não podia ser visto por pessoas que não pertencessem ao núcleo familiar mais próximo antes dos dois meses de vida, pois o olhar do estrangeiro poderia provocar um mau-olhado. Uma briga do próprio marido com seus pais, extremamente aferrados às tradições, fez com que este tentasse uma ruptura

com o passado. Sua mulher, apesar de estar bastante ocidentalizada, nesse momento teve medo de que uma maldição pudesse prejudicar seu filho. A gritaria vinha desta disputa e, na seqüência, seu filho não só teve uma conjuntivite como também passou a dormir muito e a não pedir mais para se alimentar. A psicanalista, mesmo com certo tumulto interno, deu ao bebê a seguinte interpretação, que reproduzo na íntegra: “Khader, você não precisa carregar o mau-olhado no seu corpo. Você nasceu na França, como seus pais desejaram. E aqui visitar um recém-nascido é uma honra para ele, e não uma desgraça. Seu pai e sua mãe respeitam as tradições da família, mas acham normal praticar os mesmos costumes das pessoas daqui. Como seus pais, você também pode se submeter às mesmas regras sem se sentir obrigado a ficar doente” (p. 123). Neste momento, Khader acorda, se mexe e chora mostrando que está com fome. Dois dias após esta entrevista seu olho também está curado. É... parece magia. “Magia lenta” é como a bela expressão de Patrik Lacoste se refere à psicanálise. Neste caso, a interpretação foi feita diretamente à criança, mas muitas vezes ela pode endereçar-se ao pai, à mãe, ou seja, apenas a circulação em palavras do drama que os habita permite que algo se desate.

O livro de Myriam Szejer está repleto de exemplos como este que afirmam o poder das palavras. Mesmo em casos de cesariana, com a mãe anestesiada, ela pede que alguém da equipe fale com a parturiente, lhe explicando o que está ocorrendo, fato que faz a equipe dar boas risadas. E este é um outro ângulo de seu livro, o entrosamento e a sensibilização da equipe para que um trabalho como este possa ocorrer.

Dois outros aspectos são ainda desenvolvidos: o fenômeno do *baby blues* – depressões pós-parto, em que a autora, através de inúmeros relatos, vai diferenciar uma depressão pós-parto considerada normal, daquelas em que a escuta psicanalítica pode dar seus frutos, e a questão do nascimento em segredo. O nascimento em segredo diz respeito àquelas crianças cujas mães, por algum motivo, não podem mantê-las. Ah, mais do que nunca, as palavras são imprescindíveis: para que tais crianças possam ser seus próprios “pais interiorizados”, há o que a autora chama de “incorporação física” das palavras. “Agradecemos à história da psicanálise, que produziu conceitos tais como a incorporação da fase oral ligada à identificação, ou noções como as de alimentos simbólicos... Eles permitem compreender que o sujeito pensa, 'monta' conceitos, e que estes conceitos são, em primeiro lugar, do corpo”.

NOTAS

1. *Faire-part*, participar, convidar, comunicar. Em francês se diz *faire-part de deuol* (participar um luto), *faire-part de naissance* (participar um nascimento).

Anna Maria Alcantara do Amaral é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.